

## APRESENTAÇÃO

### DOSSIÊ UTILITARISMO

A tradição do pensamento liberal não fez muito sucesso no Brasil. O utilitarismo, menos ainda. No segundo caso, sequer para ser criticado com a devida decência. Esse dossiê não tem a pretensão de reverter o giro da engrenagem, mas quer mostrar que o utilitarismo não está completamente esquecido enquanto teoria ética e política. Os escritos do utilitarismo, clássico ou mesmo contemporâneo, serão sempre um problema, tanto do ponto de vista dos ataques empiristas, quanto como moral reguladora para níveis da vida humana onde sua interferência não parece ser valiosa, ultrapassando as barreiras das justificativas tradicionais.

Basta uma familiaridade inicial com o tema para se apaixonar e compreender que as teorias utilitaristas ultrapassam com larga vantagem a rasteira interpretação “mais prazer, justificável; mais dor, injustificável”, que frequentemente é ecoada nos corredores das Instituições brasileiras de Ensino Superior. Não bastasse o movimento próprio do utilitarismo clássico, e sua preocupação direta com uma justificação alicerçada na justiça social, igualdade e liberdade, há ainda as subdivisões catedráticas que o utilitarismo ganhou ao longo do século 20. Utilitarismo de atos, regras, focado na ética das virtudes, ou nos princípios de economia social, com viés comunitarista ou individualista, e com ramificações que não se esgotam. Ainda: no âmbito político ou ético internacional, o utilitarismo sempre se faz presente na busca de uma proposta, seja criticando ou reinterpretando

tanto do contratualismo clássico quando do ceticismo moral. Tais críticas, na maioria das vezes, precisam fomentar também os pontos positivos de toda tradição ligada aos clássicos, antes de se pronunciarem contra os contemporâneos, ou vice e versa. Enfim, estamos diante de uma pedra no sapato da história da filosofia tão oportuna quanto Kant ou Hegel.

Em alguma medida, essa edição da Revista Seara Filosófica também busca render uma modesta homenagem aos professores que mantêm a chama da pesquisa no utilitarismo acesa no Brasil. Para que a memória não agrida a justiça, resumimos no nome da professora Maria Cecília Maringoni de Carvalho a lista de seletos docentes que, antes de formadores, são incentivadores da filosofia criteriosa e de rigor teórico que o utilitarismo exige.

Nessa edição, percorreremos desde a tentativa de resguardar a democracia em John Stuart Mill como condizente com os princípios de justiça liberais, esforço proposto pelo colega Gustavo Dalacqua; passando por contemporâneos como Eric Steinhart e sua corajosa teoria da solução dos dilemas morais pelo formalismo matemático, interpretado por Mariana Falqueiro; ainda, remontando o conceito de razão no sempre atual Bentham, tarefa da professora Maria Cristina Logo Cardoso Dias; e socorrer Mill de deslizos que nunca existiram, como a flexibilização da sua própria teoria em momentos diferentes da sua vida, trabalho desenvolvido com maestria pelo professor Mauro Cardoso Simões. Dentre outros trabalhos de ética prática ou mesmo teórica o nome de Mill é uma referência inevitável, por se manter na fundação do liberalismo que chegou até nós. Mesmo que se pretenda fazer uma revista ampla, com vários temas e autores do utilitarismo, seria inevitável a hegemônica presença de Mill.

Resta agradecer aos colegas que colaboraram com essa edição e esperar que a publicação sirva para estimular o inevitável: o permanente estímulo ao estudo e a pesquisa de temas que nunca adormecem. No mais, tudo que

queremos, direta ou indiretamente, foi atingido: organizar em um volume acessível a todos os interessados, pesquisadores ou não, trabalhos atuais e criteriosos, preocupados com boas apresentações e interpretações do utilitarismo clássico e contemporâneo.

Everton Maciel e Lucas Duarte Silva

Organizadores